

EMANCIPAÇÃO PELA EXPANSÃO DA INTELIGIBILIDADE - OU DO PROGRAMA PERMANENTE DE COLONIZAÇÃO DO PENSAMENTO

Elzahrã Mohamed Radwan Omar Osman¹

Resumo:

O objetivo da comunicação é apresentar a crítica ao universalismo hegeliano por meio das formulações neorracionalistas do filósofo iraniano Reza Negarestani. A partir do seu inumanismo é possível vislumbrar a reedição do projeto emancipatório por meio da tese da maior autonomia cognitiva (teórica e prática) inscrita na sociabilidade semântica e linguística de uma comunidade racional (seja a de humanos ou máquinas). Brevemente, teceremos algumas considerações sobre a tese de um programa permanente de colonialidade do pensamento advindo da adoção negarestaniana das prerrogativas principiológicas do solo epistêmico iluminista.

Palavras-chave: Inumanismo, neorracionalismo, colonialidade, Reza Negarestani.

Resumen:

El propósito de la comunicación es presentar la crítica del universalismo hegeliano a través de las formulaciones neorracionalistas del filósofo iraní Reza Negarestani. Desde su inhumanismo, es posible vislumbrar la reedición del proyecto emancipatorio a través de la tesis de una mayor autonomía cognitiva (teórica y práctica) inscrita en la sociabilidad semántica y lingüística de una comunidad racional (ya sea de humanos o de máquinas). Brevemente, haremos algunas consideraciones sobre la tesis de un programa permanente de colonialidad del pensamiento que surge de la adopción negarestaniana de las prerrogativas principiológicas del suelo epistémico de la Ilustración.

Palabras clave: inhumanismo, neorracionalismo, colonialidad, Reza Negarestani.

Introdução

Produzir pensamento nas margens da filosofia ocidental é ver-se obrigado a lidar com a produção epistêmica do Império mesmo quando nos interessa descentrá-la. Mais ainda

¹ Elzahrã Mohamed Radwan Omar Osman é Pesquisadora-Tecnologista do Inep-Mec e também doutoranda em filosofia pela Universidade de Brasília. E-mail: assaddaka@gmail.com.

Comunicação apresentada na mesa “Filosofia Latino-Americana anteriormente à ‘Cosmopolítica’: des-pensar a metafísica da subjetividade e revisitar antigas onto-epistemes com a terra” no “Colóquio Internacional Cosmopolíticas II: tempos de cosmopolítica, tempo de necropolíticas” realizado nos dias 18, 19 e 20 de novembro de 2020.

quando nem todo processo de revisão de nosso “colonialismo interno”, na acepção de Silvia Cusicanqui, e nem mesmo todo o exercício de des-colonização da própria filosofia, mostra-se suficiente para projetos que vêm no niilismo como “vontade de poder” uma etapa necessária e inacabada da modernidade. Se a Cosmopolítica, como nos diz Isabelle Stengers, é o vislumbre de uma produção de pensamento onde haja uma coexistência entre práticas, onde a “des-naturalização” ocorra por meio de um “parlamento das coisas” (Bruno Latour) e as subjetividades outras possam ser territorializadas como meio de desacelerar soluções rápidas demais para problemas persistentes demais, Stengers parece nos propor exatamente o oposto dos modos pelos quais se realiza a metafísica ocidental.

Voltar-se para os niilistas contemporâneos e oferecer-lhes alguma resistência a seus projetos faz-se necessário pela compreensão de que a concepção de subjetividade, mundo e emancipação legada, muitas vezes com boas intenções, é por demais situada, provinda de um lugar de fundação colonial da ontologia contemporânea, e que continua seu processo extrator (de subjetividades e mundos) devido à falácia tanto da existência de uma “história comum”, onde não há projetos históricos (re)existentes, quanto da ideia de que “não há mundo (melhor) por vir”,- com suas epistemes e práticas - para além daquele que nos prometem há 500 anos².

O Niilismo Inumanista de Reza Negarestani

A metafísica ocidental inscreve a história sobre a racionalidade, seus desígnios e alcances, como o motor do próprio pensamento; é pela razão que a filosofia se forma, mas é pela construção mítica de uma determinada racionalidade que surge e se desenvolve a filosofia. Podemos dizer, com Rosi Braidotti (2013), que o discurso filosófico sobre a racionalidade vem sendo debatido na modernidade, e principalmente, no último século de modo a descentrar o caráter “racional” das tradições filosóficas que fundavam a metafísica a partir da ideia de que há uma unidade entre a consciência e a subjetividade e que, pois, há um

² E aqui gostaria de citar a brilhante comunicação da Professora Dra. María Eugênia Borsani (2021), apresentada na mesma mesa e intitulada “Cosmopolítica como afronta al narcisismo occidental”, e para quem “la cosmopolítica es del orden de la propuesta, no es una teoría acabada, no es un proyecto, no es un programa definido. Con precauciones, lo mismo decimos de la decolonialidad, que se la tergiversa si se la piensa como teoría más que como tarea, como programa más que como propuesta, como lúcido decir más que como trabajos hacer” (p. 2, 2020).

sujeito do pensamento cuja razão crítica, auto-reflexividade, autonomia da razão, desenvolvimento de um padrão de moralidade e emancipação é o próprio motor da história. Não apenas da história do homem europeu, mas da história universal.

No entanto, apesar de um longo percurso trilhado relativamente à tentativa sempre faustosa da filosofia ocidental em descentrar a subjetividade humana como o padrão último da razão, ainda se faz comum na metafísica a ideia iluminista de defesa de uma racionalidade civilizatória, cujos condicionamentos educacionais, políticos e sociais, quando vencidos – deveriam capacitar-nos, como seres que comungam de uma mesma humanidade - a um entendimento convergente em prol das corretas escolhas sociais e morais. Outro encaminhamento importante relativamente a uma concepção de racionalidade legatária das revoluções burguesas é aquela relativa à contínua extração de inteligibilidade ou “inteligibilidades” dos entes, ou seja, a ideia de que é possível, por meio da liberação da inteligência, pôr à disposição todo e qualquer suposto objeto do conhecimento.

A obra *Intelligence and Spirit* (2018), escrita pelo filósofo iraniano Reza Negarestani, é exemplar de uma metafísica da inteligibilidade levada a seus termos por meio de pressupostos neo-racionalistas presentes contemporaneamente no cenário filosófico e manejados em contraposição ao que ele denomina de ‘panpsiquismo’ ou ‘naturalismo’, ou ainda de “cinismo dos genealogistas globais”. Para Negarestani, trata-se de refundar a filosofia pelo que ela possui de “impessoal e comunista (p.408)” contra uma tendência filosófica de *crítica* e ou *desconstrução* das bases de razão iluminista ocidental, ou mesmo das múltiplas possibilidades de uma des-colonização do pensamento filosófico e de seus outros.

Como um novo Prometeu, Negarestani quer reeditar o conceito de humano, e que seja, pois “não essencialista”, não condicionado a estruturas ditas materiais, biológicas, naturais, e cuja construção conceitual não ceda às concepções teológicas ou historicamente dadas sobre o que vem a ser a humanidade, mas reste ainda em oposição a um suposto pós-humanismo ou anti-humanismo, visto que, para ele, tais posições, enquanto enfrentamentos a um “humanismo conservador” apenas essencializam como “dado” o que é o humano do homem, e a partir de uma concepção estabilizada procuram pensar como disso arrefecer-se. Em sendo assim, o Humanismo Essencialista e o anti-humanismo são, para ele, projetos conservadores, pois reificam supostas definições sobre o humano e pretendem dispensar a

humanidade como mais um dos objetos metafísicos disponíveis entre outros. Ambas concepções partiriam de um pensamento da positividade, pois ainda fixas na metafísica do entendimento, momento anterior à dialética especulativa de Hegel.

Por meio de uma filosofia da mente cujo fundo é a *Geist* hegeliana e suas interpretações analíticas e pragmáticas, Negarestani desenvolve sua filosofia do espírito cujo propósito reside na emancipação pela expansão da inteligibilidade. O projeto emancipatório negarestaniano, o Inumanismo ou Humanismo Racional, pressupõe a existência de um pequeno núcleo do qual realmente seria improvável abrimos mão e ainda continuarmos a pertencer à humanidade. Como para o médico “Frankenstein”, a imortalidade do corpo não importa tanto enquanto houver suportes outros para aquilo que constitui nossa humanidade, a possibilidade mesma de persistir pela via da *razão*. A isso ele dá o nome de “invariâncias normativas”, – a capacidade humana de adentrar no espaço lógico das razões por meio da socialização dos agentes racionais em um espaço semântico da linguagem pública (práticas discursivas, lingüísticas e sociais), e bem inquirir e modificar as regras em direção a uma cada vez maior autonomia cognitiva - teórica e prática.

Está auto-transformação segue, a despeito de todo e qualquer condicionante, mas também a despeito de toda e qualquer perspectiva de delinear o fim último da emancipação para além do contínuo exercício da liberação da inteligência por meio da expansão da inteligibilidade. Ou seja, de uma inteligência inumana e que, portanto, pode ser artificializada. E a mente apenas pode fazê-lo porque não é algo, mas *Geist*, estrutura da inteligência geral que conduz à progressão da “unidade de inteligibilidade entre mente e mundo”. *Geist* seria então menos um processo de extração de inteligibilidade que o movimento dialético de sua própria produção. Para Negarestani, este espaço das razões e do pensamento posto em oposição à natureza, às causas e ao ser, é a própria substância da crítica, o lugar da luta política pelas normas, possível por meio da interação entre os agentes racionais dispostos a construir um “proyecto colectivo de auto-determinación y auto-revisión”, el rediseño de nuestra propia realidad y por lo tanto la de nuestra *physis* (la artesanía o labor de la mente)”³.

Este operar da razão cujo modo especial de desempenho diz-se por meio de sua funcionalidade é o que permite aos agentes racionais a formação de “atitudes, subjetividades e instituições” conquistadas por meio de novas habilidades cognitivas e práticas, conduzidas

³ Negarestani, Reza. “O Inumano, uma leitura rápida”.

para uma reorientação do pensamento e da consciência a fim de ver descortinada as possibilidades últimas do pensamento, antes que qualquer obsessão por suas ‘origens’. Ainda, *Geist* não se apresenta como um *deus ex machina*, a emancipação cognitiva dá-se na medida em que a experiência de *Geist* enseje a unificação das “exigências locais” ou “experiências pessoais” com as ambições universais” ou o que ele chama de “a impessoalidade ou objetividade do pensamento”. Não que ambas as instâncias sejam igualmente válidas, o movimento de dessacralização da mente como algo dado ou inefável exige que os condicionamentos ainda persistentes descolem-se para um lugar onde toda e qualquer contingência da razão deixe de se apresentar como um obstáculo àquilo que ela pode vir a ser quando não impedimos a sua inteligibilidade expansiva, ou seja, quando não utilizamos nossos sistemas de seguridade humana para frustrar a emancipação universal total.

A defesa do racionalismo dá-se de modo como se houvera sistemas de pensamentos irracionais. Irracionais em que termos, nos termos de uma racionalidade euronortecentrada⁴ ou (antropo-etno-centrada⁵) ou numa neo-racionalista, cuja concepção de inteligência destituída de toda e qualquer materialidade pode subsistir a quase tudo, menos ao próprio projeto de aprofundamento da ‘racionalidade’ humana? Talvez aquilo que sobra de humano no inumanismo de Negarestani seja não apenas um silogismo, mas o bastião mesmo de uma racionalidade situada porque inscrita desde um projeto civilizador já bastante conhecido. A armadilha dá-se de tal modo que ou reconhecemos que bem “somos animais racionais” e podemos todos entrarmos em uma arena de debate pública comum ou não o somos. Mais ainda, embora não clame por nenhum tipo de excepcionalismo humano, Negarestani postula que nos tornemos fiéis àquilo que somos por meio de uma transparência total de toda e qualquer inteligibilidade produzida, apegados à inteligência que criamos enquanto comunidade, e que bem adentremos de bom grado ao espaço da razão se quisermos fazer parte da história da inteligência.

O ponto em disputa, e que não está dado pela obra de Negarestani, é menos sobre “a condição de possibilidade social formal”, almejada por um projeto de transparência total cujos princípios sejam comungáveis pela comunidade humana, mas *o próprio terreno de onde se insurge o seu projeto epistêmico*. Assim, o inumanismo como processo de intensificação

⁴ Ochy Curiel

⁵ VALENTIM, Marco Antonio (2018).

do humanismo racional é tão conservador quanto o humanismo essencialista ou o antihumanismo, uma vez que dissimula abster-se dos condicionamentos naturais ou causais, mas reitera o projeto emancipatório cognitivo dado não desde Platão - como pensa escamotear o autor ao oferecer a filosofia como um projeto universal e atemporal porque, finalmente, a temporalidade advém de *Geist* -, mas desde o Iluminismo, período diretamente posterior e concomitante à expansão colonial.

Mais ainda, Negarestani arrisca-se a uma definição do que ele considera deveria ser o paradigma da “decolonization of thought” e da “true decolonial philosophy” (408) - que, por óbvio, referenda-se em seu próprio programa filosófico -: a ideia de que a empreitada de *Geist* desprende-se do seu local de nascimento e pode, assim, “poison the slums of the earth” (p.408) com “the compulsion of think” (408), mas também na aposta da “equality of all minds” (“Philosophy begins with a universal thesis regarding the equality of all minds, p.409”), ou seja, num contágio da racionalidade que atingiria todos os povos do mundo “against the prevalent systems of exploitation”. Para tanto, é preciso que a tarefa do pensamento abra mão de “some sort of immediate contact with land, territory, ethnicity”, visto que os condicionamentos “locais e contingentes” não devem reificar a mente como se está tivesse uma essência substantivada ou fosse uma “coisa” como o é a natureza, para ele. Tais condicionamentos vão perdendo sua relevância na medida em que a agência de *Geist* encontra seu caminho para a “impessoalidade e objetividade”, ou seja, na medida em que as “local exigencies” e as “universal ambitions” sejam totalmente suspensas na experiência do saber absoluto, unindo-se em torno de um projeto emancipatório universal.

Breves considerações finais:

O inumanismo de Reza Negarestani mostra-se como uma reedição da tentativa de escapar ao humanismo metafísico enquanto busca qualquer dignidade para o humano; movimento perceptível na maioria dos discursos pós-humanistas, como no diz Vattimo (2002). Para Vattimo, o diagnóstico heideggeriano sobre o niilismo a partir de Nietzsche é historicamente o momento em que há uma real percepção de que questionar “as estruturas estáveis do ser”, ou seja, a própria concepção do humano como o princípio fundamental da razão, é questionar a própria metafísica e a técnica da qual ela é acessória. A crise do

humanismo, a morte de deus, o fim da metafísica são expressões que procuram dar conta do fato de que a subjetividade humana tornou-se um objeto científico entre outros, não podendo ser mais a medida de todas as coisas.

O fim pela busca dos fundamentos anuncia que a racionalidade filosófica não satisfeita com o que havia sobrado de humano pretende expandi-lo. Tal excepcionalismo é cego à existência de projetos históricos não universais cujas onto-epistemes não apenas descentram o humano, mas conferem dignidade também à natureza e às coisas, - e ainda podem constituir-se em uma subjetividade que seja “a medida de todas as coisas”.

Então quando em conversação com trabalhos como os de Negarestani, talvez a principal tarefa daqueles caracterizados como estando na “zona do não-ser” fanoniana da razão seja a que nos lembra Valentim (2018), ter como horizonte o caráter geo-filosófico da metafísica ocidental e “que mantenha uma relação com a não-filosofia – a vida de outros povos do planeta, além de com a nossa própria”, já que está é ainda a tarefa a realizar, estarmos atentos à reposição de uma subjetividade humana por demais situada, mas ainda nos situarmos em projetos emancipatórios não iluministas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BENSUSAN, Hilan. “*zwischen Strom und Gestein*”. In **Os humanos e a pan-política dos vírus** (2020a).
- BENSUSAN, Hilan. *Geist and Ge-Stell. Beyond cybernetic convergence of intelligence and the unity of normativity* (2020b).
- BORSANI, María Eugenia. *Cosmopolítica como afrenta al narcisismo occidental*. In. In. **DasQuestões**, Vol.8, n.2, abril de 2021.p. 3-10.
- BRAIDOTTI, Rosi. **The Posthuman**. Cambridge, Polity Press, 2013.
- CASTRO-GÓMEZ, Santiago; Grosfoguel, Ramon, editores. **El girodecolonial: Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre; Universidad Central; Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos; Instituto Pensar, 2007.
- DUSSEL, Enrique. **Europa, modernidade e eurocentrismo**. In: **Lander E, organizador. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 55-70.

- FEDERICI, Silvia. **O Calibã e a Bruxa: Mulheres, Corpo e Acumulação Primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.
- FIRESTONE, Shulamith. **A Dialética do sexo**. Coleção Bolso.
- LE, Vincent. *Spirit in the Crypt Negarestani Vs Land*. In *Cosmos and History: The Journal of Natural and Social Philosophy*, vol. 15, no. 1, 2019.
- MBEMBE, Achille. **A universalidade de Frantz Fanon**. Disponível em: <https://profedmarcb.files.wordpress.com/2018/06/mbembe-achille-a-universalidade-de-frantz-fanon.pdf>
- MIGNOLO, Walter. **Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.
- MIGNOLO, Walter. *Introducción*. In: Henry, Paget. **El color de la razón**. Henry Paget; Santiago Castro Gómez; Eze Chukudi; Compilado por Walter Mignolo – 1ª Ed. – Buenos Aires: Del Signo, 2008.
- NEGARESTANI, Reza. **Intelligence and Spirit**. Urbanomic, 2018.
- RIVERA, Cusicanqui Silvia. Ch'ixinakaxutxiwa. **Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores**. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010. Pinturas. 80 pp.
- SOUSA SANTOS, Boaventura de. **O fim do império cognitivo: as afirmações das epistemologias do Sul**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- VALENTIM, Marco Antonio. **Extramundaneidade e sobrenatureza: ensaios de ontologia infundamental**. Cultura e Bárbarie, 2018.
- VATTIMO, Gianni. **O fim da modernidade; niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna**. São Paulo: Martins Fontes: 1996.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Metafísicas canibais: Elementos para uma antropologia pós-estrutural**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.